

Mediunidade na Infância à Luz da Doutrina Espírita

Denise Morgado de Oliveira Junqueira <denise.m.junqueira@gmail.com>

Lisa Mara de Barros Lins <lisamaralins@hotmail.com >

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – A mediunidade é fenômeno inerente ao ser humano, dele se tendo notícias em todas as épocas da humanidade, no seio de todos os povos. Pode eclodir em qualquer idade, apresentando-se em crianças, jovens e adultos. Especificamente na infância, não deve ter o desenvolvimento estimulado, pois seu exercício reclama estudo, compromisso, renúncia e disciplina, além de acarretar dispêndio fluídico. Lidar com a mediunidade implica enfrentar os escolhos advindos do exercício mediúnicos. Às crianças deve ser assegurado ambiente propício para torná-las homens de bem: formação moral, desenvolvimento de suas potencialidades intelectuais, visando contornar tendências desviantes.

Palavras-chave – Mediunidade. Infância. Escolhos da Mediunidade. Formação Moral do Infante.

Submetido em 09/10/2023

Aprovado em 06/11/2023

1. INTRODUÇÃO

A mediunidade sempre esteve presente na história das gentes, especialmente nas tradições religiosas. Assinala-se a produção de amplos fenômenos mediúnicos nas várias épocas da humanidade.

Nos momentos de agora, quando muito falamos de “final dos tempos”, época de transição e mundo de regeneração, parece haver aumentado a quantidade de médiuns, pois as sensibilidades se apresentam mais aguçadas.

O fato não surpreende. Textos mais antigos já advertiam que, de futuro, o fenômeno se faria mais pujante. Vejamos:

Nos últimos tempos, diz o Senhor, espalharei do meu espírito por sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. – Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão. (Atos, 2:17 a 18; Joel, 2:28 e 29) [1]

Com efeito, conscientes ou não do alcance de seus talentos, os médiuns pululam em todos os ambientes: nas agremiações cristãs, no seio das religiões de matriz africana, nas correntes orientais. Contam-se eles em toda parte: nos hemisférios Norte e Sul, nos palacetes ou casebres da periferia, nos hospitais, nas escolas, nas penitenciárias, onde quer que estejamos, muito provavelmente haverá um médium por perto.

Frequentemente, são percebidos como criaturas dotadas de poderes diferenciados, conhecedoras do passado, do presente e do futuro, sabedoras dos segredos alheios e, muita vez, até dos nossos. E quase sempre são enxergados sob o manto do *glamour*.

Até o cinema os retrata. Lembremo-nos de Cole Sear, personagem interpretado pelo astro mirim Haley Joel Osment, no filme “O Sexto Sentido”, que entrou para a história ao afirmar para o psicólogo Malcolm, interpretado por Bruce Willis: “*I see dead people*”.

Na seara do Espiritismo, não é diferente. A exemplo, temos Francisco Cândido Xavier, Divaldo Franco, Yvonne Pereira, dentre outros.

Todavia, apesar dos robustos esclarecimentos que a Doutrina Espírita nos oferece, consolidados nas obras da codificação, especialmente em “O Livro dos Médiuns”, e na literatura complementar, avalizada por autores comprometidos com as bases doutrinárias, percebe-se grande tendência no Movimento Espírita em supervalorizar o fenômeno mediúnico em detrimento do conhecimento doutrinário e das conquistas morais do ser.

Em relação aos médiuns infantes, parece desviar a atenção de muitos pais e lhes alimentar a vaidade a hipótese de terem como filhos crianças cuja aura exhibe os cobiçados tons de índigo e cristal; de igual forma costumam sentir-se em relação àquelas portadoras de dons “paranormais” ou faculdades mediúnicas ostensivas. A possibilidade lhes causa deslumbramento.

Alguns, em percebendo sensibilidade mais a florada nos pequenos, ou já querendo estimular e antecipar o desenvolvimento de tais aptidões, até desejariam matriculá-los em uma escolinha de médiuns, caso estas existissem no entorno.

Para nossa sorte, a Doutrina Espírita veio ao nosso encontro e o tema da mediunidade na infância não passou despercebido por Kardec. Perquiridos pelo Mestre Lionês, os Espíritos integrantes da falange do Espírito de Verdade, de forma clara e categórica, anunciaram que não se deve buscar desenvolver a mediunidade em crianças [2].

O fato de ter sido esse assunto objeto da atenção de Kardec, recebendo abordagem específica da Espiritualidade Superior, indica, por si só, sua relevância. Ocorre que os Espíritos são convidados a algo mais. Não basta apenas aceitar passivamente as verdades expostas na Codificação. É necessário ir além. Por respeito, reverência e amor à Doutrina Espírita, somos convocados a ler mais, aprofundarmo-nos, juntar informações, entender os porquês, ampliar o discernimento, refletir. E é por isso que estamos aqui.

Sem qualquer pretensão de esgotar o assunto, mas na qualidade de eternos estudantes das verdades compartilhadas pelos Espíritos, apresentamos nossas percepções gerais sobre o tema Mediunidade na Infância, expressando-as através deste artigo, na esperança de que possam trazer luz a nós, os adultos que resolvemos assumir com responsabilidade e prontidão nossos compromissos com as crianças.

2. A INFÂNCIA COMO PARTE DOS MECANISMOS DA PROVIDÊNCIA DIVINA

Deus, Inteligência Suprema, é a causa que opera intencionalmente na organização do Universo. Tanto as leis que regem a matéria, quanto as que regulam a vida e o desenvolvimento dos espíritos harmonizam-se em obediência à vontade divina. Por conseguinte, a Criação tem uma finalidade e tudo o que é estabelecido pela Divindade tem um propósito.

O espírito é obra divina. Criado simples e ignorante, porém perfectível, está inexoravelmente destinado a experimentar em plenitude o amor e a felicidade. No desenvolvimento de suas potencialidades, encarna e desencarna, sintonizando-se com os que lhe estão em patamar evolutivo próximo. Desenvolve laços de amor e de ódio, cria vínculos e passa a integrar famílias espirituais (nem sempre equilibradas), que se amplificam, formando populosas coletividades de seres afins.

O processo de vida biológica na Terra é também produto da Inteligência Suprema. As peculiaridades da vilegiatura carnal (concepção, gestação, nascimento, infância, maturidade e morte) não foram excluídas do grandioso Projeto de Evolução dos Seres. Há uma inteligência maior por trás dessa sucessão de fenômenos biológicos, estabelecendo que nesse encadeamento existe um porquê e um para quê.

Nesse escopo, o Ser Imortal, portador de bagagem evolutiva adquirida em existências pretéritas, habilita-se para a nova encarnação despontando como elemento aparentemente “estranho” ao seio familiar. Chega disfarçado de bebê indefeso, frágil, necessitado do comprometimento e amparo de seus responsáveis.

Por outro lado, seus pais ou cuidadores são levados a percebê-lo, precipuamente, como um inofensivo coitadinho, um inocente pequerrucho a necessitar de cuidados; e não como Espírito Imortal, usualmente portador de doenças morais de difícil erradicação; nem como antigo e impiedoso perseguidor do grupo familiar, menos ainda como pertinaz delinquente das leis divinas.

Esse cenário, estrategicamente arranjado pelas leis da vida, revela a sofisticada, suprema e misericordiosa inteligência do Criador: a concessão de ambiente imprescindível e totalmente adequado para desatar apertados laços de ódio e impulsionar o desenvolvimento de saudáveis sentimentos entre os atores em cena. Afinal, a família é o espaço de construção de afinidades.

3. O ESPÍRITO IMORTAL NO CENÁRIO DA INFÂNCIA

Viajante das eras, marcha o Ser expandindo o patrimônio espiritual com os valores que sinalizam o verdadeiro progresso efetuado: a obediência às leis divinas, a inteligência, a sublimação dos sentimentos, a habilidade para tratar com o próximo, o senso estético, a lucidez para agir ante as intempéries da vida, dentre outros.

Em regra, na condição de desencarnada, a criatura interage com seu mundo íntimo usando de maior autonomia e liberdade. Apresenta-se ciente de muitos fatos de sua história cármica e conhecedora das características pessoais de inumeráveis personagens com os quais ombreou, treinada nos usos e costumes de sociedades, às quais se integrou; adestrada nas técnicas de enfrentamento ante essa ou aquela circunstância.

De fato, o contexto da erraticidade lhe confere capacidade cognitiva mais ampla para facear tendências e comportamentos cristalizados, credenciando-a a decidir com mais acerto sobre o gênero de provas a experimentar em futura encarnação.

Mas, chega o momento de voltar à vida carnal. A encarnação é imposta por Deus aos homens com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição, competindo ao reencarnante experimentar todas as vicissitudes da existência corporal [3].

Encaminhado à existência, o ser é conclamado para os ajustes biológicos que determinarão a miniaturização do perispírito, o esquecimento do passado, o nascimento e crescimento, enfim, toda uma etapa evolutiva em situação diversa daquela por ele experimentada quando na condição de desencarnado.

E é assim que adentra ao palco da vida, convidado a se adaptar ao cenário da infância.

A posse e o gozo de faculdades cognitivas e sensoriais experienciados na condição de desencarnado, que lhe conferiam autonomia e vigor, cedem lugar à fragilidade do corpinho de carne; à necessidade de se curvar aos Estatutos da Vida, colocando-se à mercê dos cuidados alheios que lhe assegurem a sobrevivência.

Conforme registrado nas Diretrizes de Funcionamento da Evangelização de Infância da Fundação Allan Kardec, o infante enfrenta as limitações cognitivas decorrentes da ausência de acesso natural às lembranças e memórias de experiências pregressas, tolhido no contato natural com suas

tendências cristalizadas, limitado às condições de reflexão e cognição que o corpo impõe, e ainda tendo de processar informações e estímulos através de órgãos sensoriais e cérebro ainda não desenvolvidos [4].

Não bastassem as limitações orgânicas e psíquicas a que se submete, às mais das vezes é alocado em entorno diverso daquele onde viveu em tempos transatos, o que poderá envolver o desafio de lidar com flagrantes diferenças de cultura, matriz linguística, clima e geografia, costumes religiosos e jurídicos, para citar apenas algumas das possibilidades.

E existe um outro desafio, não menos difícil. Na nova pele, passará por um processo de reconstrução de suas relações afetivas: reencontrará não apenas as almas afins, mas também os desafetos. E precisará adaptar-se aos sentimentos advindos desse contato.

É difícil, não? Porém, é exatamente desse jeito que o Criador planejou. Porque é imprescindível perdoar, estabelecer novas amizades e avançar na edificação dos laços de amor.

4. A NECESSIDADE DA INFÂNCIA

Informa-nos Kardec, na questão 382 de O Livro dos Espíritos [5], que o período da infância é uma necessidade para o ser imortal, que está na ordem da natureza e de acordo com as vistas da Providência.

Certamente, o repouso de que goza o Espírito nessa fase possibilita adaptação ao novo corpo de carne. Porém, o mais importante a considerar é que a criatura precisa passar um tempo sem pensar ou se preocupar com a bagagem espiritual acumulada até então. Necessita refazer as forças psíquicas para as lutas vindouras.

A situação bem revela a atuação da misericórdia divina, que prepara a psicossfera do ser para uma nova fase de aprendizados e ressignificação de sentimentos, ao lhe permitir um período de afastamento de suas dores conscienciais e consequente repouso de processos cognitivos refletidos.

Aprofundando o tema, o Professor Rivail indaga, na questão 383 de O Livro dos Espíritos, sobre a utilidade da infância para o reencarnado. Em resposta, a falange do Espírito de Verdade esclarece:

Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo [6].

Destaca Suely C. Schubert, ao comentar essa questão, ser no período da infância que o espírito reencarnado se encontra mais disposto a adquirir *“novos hábitos, condutas, vivências que o enriqueçam e preparem para o decurso de sua vida terrena”* [7].

Vemos, portanto, que a fase da infância é o período da sementeira. Se bem assistida e sabiamente conduzida, será alicerce para a construção de saudáveis caracteres e repressão dos maus pendores [8].

Na página 7 das Diretrizes de Funcionamento da Evangelização de Infância da FAK, temos que *“a criança não é, pois, um adulto em miniatura. É um Espírito pré-existente, reencarnado para progredir, que recebe de Deus a característica de frágil e inocente para ser alvo de amor e cuidado e*

não de excessivo rigor e punição”. Sua capacidade de reflexão, juízo de valor e livre-arbítrio serão retomados, pouco a pouco, na proporção do desenvolvimento dos órgãos [9].

Assim, cresce em importância a missão dos pais para com as crianças, no sentido de lhes guiar os primeiros passos e encaminhá-las para o bem, pois responderão a Deus pelo desempenho dado a este mandato. A missão dos pais é de tamanho significado que a Divindade fez do amor paterno e do amor filial uma lei da Natureza, norma essa que, se transgredida, não o será impunemente [10].

5. A MEDIUNIDADE

No primoroso artigo “Os atributos do Espírito segundo O Livro dos Espíritos”, editado na Revista Reformador de julho/2007, ensina-nos Suely Caldas Schubert:

Para que o espírito realize com êxito a sua trajetória evolutiva, caminhando do inconsciente para o consciente, das trevas da ignorância para a luz do saber, do “abismo para as estrelas”, foi dotado por Deus de vários atributos que lhe garantissem a possibilidade de alcançar a meta final, a perfeição [11].

Conforme esclarece nossa querida servidora do bem, tais atributos nada mais são do que as potencialidades latentes em cada criatura, esteja ela encarnada ou não.

Em O Livro dos Espíritos, encontramos relacionados vários desses atributos, dentre eles a inteligência (Q.24), o pensamento (Q.89-a), o livre-arbítrio e, mais especificamente, a capacidade de perceber (Q.249-a, Q.257), de sentir. A essa capacidade de sentir, de perceber, denominamos sensibilidade [5].

No corpo de carne, o ser dispõe de um conjunto de sentidos que lhe facultam a percepção do mundo circundante: visão, audição, olfato, paladar e tato. Já o Espírito desencarnado, este percebe o mundo com todo o seu ser, através do perispírito (Q. 245 e 249) [5].

Sabemos ser possível perceber os seres extracorpóreos e com eles nos comunicarmos. A dificuldade maior, principalmente para os que não possuem conhecimento da Doutrina Espírita, é compreender o fenômeno e lidar com os envolvidos na sua ocorrência.

Em O Livro dos Médiuns, no item 159, o eminente Prof. Rivail nos ensina: “*Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium*” [12]. Esclarece Kardec serem raras as pessoas que não possuam, da mediunidade, algum rudimento. Parece difícil de acreditar, mas todos somos médiuns, pois a faculdade mediúnica é inerente ao psiquismo humano e pode eclodir em qualquer idade.

O período da infância, todavia, guarda uma peculiaridade. É que nessa fase há uma predisposição natural do encarnado à percepção do mundo extracorpóreo, pois é uma etapa de consolidação e ajustes do espírito ao corpo físico. Os elementos do mundo espiritual ainda estão vívidos. Essa circunstância permite que os pequenos tenham mais sensibilidade e, portanto, mais facilidade de perceber a presença e as comunicações dos Espíritos.

Em ocorrendo algum tipo de comunicação mediúnica, o infante a estabelecerá nas proporções de suas aptidões infantis, pois ainda tem seu psiquismo em desenvolvimento e suas percepções são menos estruturadas do que as de um adulto. Essa mediunidade rudimentar poderá ser desenvolvida com o passar do tempo ou simplesmente desaparecer, conforme sua programação reencarnatória.

Elucida-se, também, que a faculdade não se manifesta de forma padronizada. A cada indivíduo será revelada a aptidão mediúnica conforme sua sensibilidade, seu patrimônio moral e grau de conhecimento. Portanto, são tantas as variedades da forma de manifestação mediúnica, quanto de espécies de médiuns. Em seu tempo, Kardec registrou no Livro dos Médiuns os principais: médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos ou impressionáveis, audientes, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, pneumatógrafos ou de escrita direta, escreventes ou psicógrafos.

A mediunidade é tema amplo e dos mais sérios, tanto que a Doutrina Espírita, em suas Obras Básicas, conta com um livro específico sobre o tema: “O Livro dos Médiuns”. Nele, os próprios desencarnados advertem que, sem experiência, a mediunidade pode trazer inconvenientes, dos quais o menor seria ser mistificado por espíritos enganadores e levianos [13].

Um outro ponto merece ser destacado. Ao discorrer sobre os inconvenientes e perigos em torno da mediunidade, Kardec alerta-nos que o exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga, porque acarreta dispêndio de fluidos e sobre-excitação da mente [14]. Recomenda ser prudente o exercício moderado da faculdade ou até mesmo sua abstenção, a depender do estado físico e moral do médium.

Instrui o Mestre Lionês que o médium não deve se deixar envolver em demasia com os Espíritos inferiores, pois desembaraçar-se deles não é fácil. Recomenda aos medianeiros adotar cautelas no exercício mediúnico, dentre as quais podemos mencionar:

- a) Colocar-se com uma fé sincera, sob a proteção de Deus, reclamando a assistência de seu anjo guardião;
- b) Aprender a evitar os Espíritos familiares, visto que, simpatizantes com as boas ou as más qualidades do médium, podem ser levianos ou mesmo maus;
- c) Dedicção escrupulosa ao reconhecimento da natureza dos Espíritos que se comunicam e dos quais é sempre prudente defender-se;
- d) Estudo preliminar da teoria.

Nos centros alinhados à Doutrina Espírita, o desenvolvimento da mediunidade envolve, acima de tudo, o preparo do médium como pessoa humana. Para esse tipo de trabalho, moralizar-se, pacificar-se e ajustar-se é essencial, pois a moralidade afeta diretamente a qualidade do trabalho desempenhado.

6. OS MÉDIUNS E O COMPROMISSO ASSUMIDO

Adverte-nos Emmanuel, na Mensagem aos Médiuns, publicada no livro Emmanuel – o próprio, que a Mediunidade deve ser encarada como santo sacerdócio, devendo as obrigações daí decorrentes ser cumpridas com severidade e nobreza [15].

Ensina-nos Hermínio Miranda:

[...] o médium tem como objeto de seu trabalho seres humanos, de um lado e de outro; espíritos e homens. Sua matéria-prima é a emoção viva, o pensamento atuante, a ação e reação espírito/matéria. Ele trabalha com o tecido vivo, com o coração palpitante dos seres que o cercam” [16].

Abraçar a mediunidade significa desenvolver a capacidade de interpretar corretamente o pensamento do espírito comunicante, convertendo-o em palavras. Para tanto, o medianeiro necessita submeter-se à rigorosa disciplina psíquica.

Por ser escoadouro das forças, ideias e sentimentos com os quais se afiniza, deve o médium formar seus conteúdos mentais a partir do estudo de temas nobres e da leitura edificante, reforçando hábitos e práticas que o direcionem ao bom e ao belo.

Evitar a aquisição de lixo mental é providência acertada, lembrando que, nos casos de obsessão, a profilaxia será sempre mais eficiente do que as terapêuticas desobsessivas procuradas. Assim, não deve o médium estabelecer foco ou desenvolver sintonia com pautas de discórdia, violência, pornografia, anedotário chulo, pois processos obsessivos de complicada erradicação começam a partir de pequenas escorregadelas do pensamento.

A mediunidade não é plano de carreira para adivinhos ou encantadores. Portanto, no seu exercício, o imperativo da gratuidade não pode ser afastado. Conforme explicado, é fenômeno natural de desenvolvimento dos atributos intrínsecos do ser, das potências da alma.

Dos médiuns, espera-se que não alimentem ilusões ou vaidades quanto à sua posição na escala de progresso espiritual. Ainda na mesma obra, Emmanuel enterra quaisquer pueris ilusões que possamos alimentar acerca da pessoa dos médiuns, apresentando-nos o perfil dessas criaturas:

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizos e de erros clamorosos. Quase sempre, são Espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas que procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia [15]. (grifos nossos)

Trabalhar na mediunidade reclama preparação constante, vigilância, renúncia, disciplina de emoções e impulsos, tudo amparado em razoável padrão de comportamento. A reforma íntima deve ser objetivo honestamente perseguido.

O exercício da mediunidade é uma fase de aperfeiçoamento psíquico na qual o indivíduo se submete à disciplina de algumas características de sua personalidade. Aqueles que vão lidar com os Espíritos precisam ter um certo domínio sobre si, pelo menos sobre as atitudes mais grosseiras. Portanto, o trabalho mediúnico deve ser desempenhado por pessoas maduras, responsáveis e experientes.

7. EXIGÊNCIAS DA PRÁTICA MEDIÚNICA *VERSUS* CIRCUNSTÂNCIAS DAS CRIANÇAS

Temos, portanto, que o desenvolvimento da mediunidade e a sua prática exigem do praticante comportamento e sentimentos adequados, de elevada moral.

No quadro abaixo, seguem alguns aspectos, a título de exemplo, considerados decisivos para a prática mediúnica responsável, correlacionando-os às circunstâncias de como se apresentam nas crianças:

Item	Aspecto	Exigência da mediunidade	Circunstâncias das crianças
01	Conhecimento da teoria	O praticante deve ter estudo prévio a respeito	Não tem base cognitiva para compreender o fenômeno
02	Recolhimento	Requer treinamento e educação para obter	A condição infantil não lhe ensaja concentração prolongada
03	Renúncia	Cabe ao médium a dedicação disciplinada ao estudo e às atividades da prática, harmoniosamente com a vida cotidiana. Ensejando renúncia de tempo para o lazer.	A criança precisa de tempo para brincar, compartilhar da companhia de outras crianças e dos familiares. Precisa também descansar.
04	Acesso às lembranças de memórias anteriores	O médium deve ter domínio sobre si, usando de discernimento e autoconhecimento para diferenciar essas memórias passadas do seu estado atual.	Nenhum acesso às lembranças do passado, pois os processos de cognição refletida encontram-se em repouso.
05	Sensibilidade para perceber o mundo extracorpóreo	Quando desenvolvida, exige conduta moral elevada para manter o médium em sintonia com os bons espíritos.	Apresenta-se como predisposição natural, com maior capacidade de perceber a presença e as comunicações com os espíritos, pela condição de ajustamento do seu espírito com o corpo físico.
06	Capacidade de reflexão, juízo de valor e livre arbítrio	Devem ser praticados de forma consciente e responsável.	Limitados pelas condições de reflexão e cognição que o corpo impõe.

Assim, a imaturidade física e psicológica na criança é obstáculo ao desenvolvimento mediúnico equilibrado. Estimular-lhe o desenvolvimento mediúnico é expô-la a risco de desequilíbrio físico e psíquico.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como espíritos encarnados, somos convidados diuturnamente aos testemunhos de nossa melhoria no trato com o próximo e com a natureza, com os quais dividimos o planeta; no manejo das conquistas científicas, ora na condição de protagonistas do conhecimento, ora atuando como simples vassallos da Ciência; na busca pela solução dos problemas sociais; no estabelecimento de saudáveis relações afetivas; no cumprimento de nossos deveres perante a família, etc.

Os cenários de prova onde somos inseridos são os mais diversos e surpreendentes, porque engendrados por uma inteligência suprema, criativa e atuante. Contudo, em face de nossa pouca evolução, possivelmente um desses cenários nos passa despercebido: a infância.

Embora rodeados de crianças, seja na condição de filhos, parentes ou amigos, ainda não reconhecemos como fiel da balança de nossa evolução moral o trato com a infância. Ainda não assimilamos a amplitude do papel que nos cabe ante as necessidades infantis.

Na maior parte dos lares, os pequenos são percebidos apenas em sua dimensão biológica. Para muitos pais ou tutores, apoiar a infância significa (quando muito) propiciar as condições materiais que garantam a sobrevivência dos rebentos postos aos seus cuidados: alimentação, saúde, moradia, escola, lazer.

Reconhecemos que desempenhar o papel de provedores materiais das crianças já demanda grande esforço, renúncia e disciplina. Assistir às crianças reclama tempo, gera despesas, apresenta

desafios. Porém, importa enxerguemos essa turminha como espíritos imortais que são, reconhecendo que apresentam necessidades para além daquelas atinentes à vida material.

Nesse exercício, somos chamados a refletir: o que nós, na condição de pais, tutores ou responsáveis, devemos assegurar a um ser que é imortal, mas, provisoriamente, encontra-se experienciando a fase da infância? Como encaminhar esta criatura, supondo que, ainda em tenra idade, apresente sensibilidade mais aguçada?

Certamente, o cuidado no plano físico apresenta-se na educação direcionada para o desenvolvimento das potencialidades do ser e estabelecimento de limites. Contudo, além da educação formal, profissional e ética, é imprescindível a boa nutrição para o Espírito. Nesse passo, adverte-nos Emmanuel na questão 113 de O Consolador:

[...] Deve nutrir-se o coração infantil com a crença, com a bondade, com a esperança e com a fé em Deus. Agir contrariamente a essas normas é abrir para o faltoso de ontem a mesma porta larga para os excessos de toda sorte, que conduzem ao aniquilamento e ao crime. [...] [17].

Um dia entenderemos que essas duas dimensões da infância, o ser frágil e o espírito imortal, coexistem e reclamam assistência. Quando nos predispuermos a cumprir com responsabilidade nossos deveres perante os infantes, aceitando-os como espíritos imortais encarnados, então teremos avançado grandes passos na construção de nosso futuro, pois somos herdeiros de nós mesmos.

Os responsáveis devem investir na formação do homem de bem, para que, de futuro, caso a aptidão mediúnica revelada na infância efetivamente se apresente ostensiva, tenha o adulto segurança e equilíbrio para lidar com sua mediunidade. É essencial ensinar à criança que o mais importante não é ser médium, mas saber vivenciar a mediunidade com Jesus.

Espera-se que os pais assimilem que as crianças não possuem condições psicológicas de desenvolver a mediunidade, pois, como advertiu Kardec:

A prática do Espiritismo demanda muito tato para a inutilização das tramas dos Espíritos enganadores. Se estes iludem a homens feitos, claro é que a infância e a juventude mais expostas se acham a ser vítimas deles. Sabe-se, além disso, que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios. As evocações feitas estouvadamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros, ou malfazejos. Ora, não se podendo esperar de uma criança a gravidade necessária a semelhante ato, muito de temer é que ela faça disso um brinquedo, se ficar entregue a si mesma. Ainda nas condições mais favoráveis, é de desejar que uma criança dotada de faculdade mediúnica não a exercite, senão sob a vigilância de pessoas experientes, que lhe ensinem, pelo exemplo, o respeito devido às almas dos que viveram no mundo [18].

9. APRENDIZADOS

A mediunidade representa concessão da misericórdia divina. O trabalho mediúnico é oportunidade de alinhar-se às forças da vida, servindo ao próximo, ampliando horizontes, estabelecendo laços afetivos estruturados no respeito e solidariedade com os semelhantes.

Todavia, como todo trabalho sério, reclama preparação prévia para quem o executa. A etapa de formação mediúnica compreende estudo doutrinário, autoevangelização e dedicação aos necessitados. O desempenho do trabalho exige disciplina, renúncia e compromisso.

Dadas as peculiaridades da tarefa, não se aconselha seja desempenhada por crianças ou jovens de pouca idade, os quais, via de regra, não estão física e psiquicamente preparados para o desempenho do mister. Ademais, a simples constatação de que o infante apresenta sensibilidade mais aguçada não significa, por si só, que na vida adulta tal aptidão continuará ostentando a pujança necessária para caracterizar seu portador como médium.

Independentemente da possibilidade de que uma criança seja médium ou esteja apenas vivenciando a fase de aclimação ao novo corpo físico, o papel que nos cabe perante a infância é assegurar espaço e acolhimento para que o reencarnante possa desenvolver suas potencialidades de espírito imortal, moralizando-se, ampliando a inteligência, estabelecendo laços afetivos saudáveis e firmando-se como homem de bem.

10. REFERÊNCIAS

- [1] BÍBLIA DE JERUSALEM. Nova ed. 6ª. imp. São Paulo: Paulus, 2010.
- [2] KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Salvador Gentile, ver. Elias Barbosa. 85.ed. Araras: IDE, 2008. cap. 18, Q. 221, it. 6.
- [3] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4.ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2017. Q. 132.
- [4] FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC, Evangelização de Infância – Diretrizes de Funcionamento. 2020.
- [5] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4.ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2017.
- [6] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4.ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2017. Q. 382, p 205.
- [7] SCHUBERT, Suely Caldas. *Mediunidade e Obsessão em Crianças*. Casa Editora Espírita “Pierre-Paul Didier”. 2016. cap. 1, p.30.
- [8] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4.ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2017. Q 385, p. 205.
- [9] FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC. Evangelização de Infância – Diretrizes de Funcionamento. 2020, p 7.
- [10] KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131ª ed. 3ª imp. Brasília: FEB, 2013. cap. XXVIII, item 53.
- [11] SCHUBERT, Suely Caldas. *Os atributos do Espírito segundo O Livro dos Espíritos*. In: Reformador, Rio de Janeiro (RJ), Jul 2007, ed. 2140, p 22-25.
- [12] KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Salvador Gentile, ver. Elias Barbosa. 85.ed. Araras: IDE, 2008. cap. 14, Q. 159, p 171.
- [13] KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Salvador Gentile, ver. Elias Barbosa. 85.ed. Araras: IDE, 2008. cap. 17, Q. 211.

[14] KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Salvador Gentile, ver. Elias Barbosa. 85.ed. Araras: IDE, 2008. cap. 18, Q. 221.

[15] XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. Capítulo 11, Doutrinando a Fé- Mensagem aos médiuns. Disponível em:<<http://bibliadocaminho.com/ocaminho/txavieriano/livros/Em/Em11.htm>>. Acesso em: 08 out 2023.

[16] MIRANDA, Hermínio. *Diversidade dos Carismas*. 8^a ed. 2^a imp. Bragança Paulista: Instituto Lachâtre, 2014. Capítulo XVIII, item 3, Temperamento, p. 430.

[17] XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. Questão 113. Disponível em:< <http://bibliadocaminho.com/ocaminho/txavieriano/livros/Ocs/OcsIndex.htm> >. Acesso em: 08 out 2023.

[18] KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Salvador Gentile, ver. Elias Barbosa. 85.ed. Araras: IDE, 2008. cap. 18, Q. 222.